



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Práticas teatrais e pessoas idosas: em busca de ressignificações

Sidmar Silveira Gomes
André Luís Rosa
Edna Cristina da Silva Batista

Para citar este artigo:

GOMES, Sidmar Silveira; ROSA, André Luís; BATISTA, Edna Cristina da Silva. Práticas teatrais e pessoas idosas: em busca de ressignificações. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 51, jul. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573102512024e0202

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Práticas teatrais e pessoas idosas: em busca de ressignificações¹

Sidmar Silveira Gomes²

André Luís Rosa³

Edna Cristina da Silva Batista⁴

Resumo

Ao pesquisar a articulação entre práticas teatrais e pessoas idosas, a primeira parte desta pesquisa encontrou uma discursividade reiterativa do teatro como instrumento para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas. Intentando problematizar isso, buscou-se diálogo teórico com Denis Guénoun (2004) e suas urgências para o teatro contemporâneo; e Michel Foucault (2010), no que tange às suas noções de norma. Na segunda parte da pesquisa, a partir da proposição de uma ação artístico-pedagógica, refletiu-se sobre as pessoas idosas em ação cênica como possibilidade para a melhoria da “qualidade de vida” do teatro contemporâneo, resultando em deslocamentos e ressignificações múltiplas.

Palavras-chave: Idosos/as. Pedagogia do teatro. Dramaturgia. Biopolítica.

Theater practices and elderly people: in search of resignification

Abstract

By focusing on the articulation between theatrical practices and elderly people, the first part of this research found a reiterative discursiveness of theater as an instrument for improving the quality of life of the elderly. Trying to problematize this, a theoretical dialogue was sought with Denis Guénoun (2004) and his urgencies for contemporary theater; and Michel Foucault (2010), regarding his notions of norm. In the second part of the research, through the proposition of an artistic-pedagogical practice, a reflection was made on the elderly in scenic action as a possibility for improving the “quality of life” of contemporary theater, resulting in multiple displacements and resignifications.

Keywords: Elderly. Theater pedagogy. Dramaturgy. Biopolitics.

Prácticas teatrales y personas mayores: en busca de nuevos significados

Resumen

Al enfocarse en la articulación entre las prácticas teatrales y las personas ancianas, la primera parte de esta investigación encontró una discursividad reiterativa del teatro como instrumento para mejorar la calidad de vida de las personas ancianas. Tratando de problematizar esto, buscamos un diálogo teórico con Denis Guénoun (2004) y sus urgencias para el teatro contemporáneo; y Michel Foucault (2010), en cuanto a sus nociones de norma. En la segunda parte de la investigación, a través de la proposición de una práctica artístico-pedagógica, se reflexionó sobre las personas ancianas en la acción escénica como posibilidad de mejora de la “calidad de vida” del teatro contemporáneo, resultando en múltiples desplazamientos y resignificaciones.

Palabras clave: Ancianos. Pedagogía teatral. Dramaturgia. Biopolítica.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Thiago Henrique Ramari, doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

² Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Teatro (USP). Licenciatura Plena em Artes Cênicas (USP). Prof. Adjunto do Dept. de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná. ✉ sidmar.gomes@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4177-2464>

 <http://lattes.cnpq.br/4340498790826970>

³ Doutorado em Estudos Artísticos – Teatrais e Performativos pela Universidade de Coimbra/Portugal. Mestrado em Artes Cênicas (UFBA). Licenciatura Plena em Artes Cênicas (UNESP). Prof. Adjunto do Dept. de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná. ✉ alrosa@uem.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4932-2858>

 <http://lattes.cnpq.br/9501085544751356>

⁴ Discente do curso de Artes Cênicas - Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Maringá. ✉ ra122417@uem.br

 <https://orcid.org/0009-0006-4610-0148>

 <http://lattes.cnpq.br/9498122652437592>



Ponto de Partida

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)⁵, promulgada em 10 de dezembro de 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU), afirma que os direitos são universais, indivisíveis e interdependentes, pois se aplicam a todas as pessoas, sejam elas crianças, jovens, adultas ou idosas.

Visivelmente inspirado na DUDH, o Estatuto da Pessoa Idosa⁶, Lei Federal nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, apresenta em seu artigo 27º que

I) Todo o homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de fruir de seus benefícios. II) Todo homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor [...].

Em seu artigo 20º, o estatuto diz que “[...] a pessoa idosa tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”.

São infinitas as possibilidades de inserção e participação de pessoas idosas na sociedade, tornando-se as práticas artísticas grandes aliadas para a melhoria da qualidade de vida, da dignidade e da garantia de proteção para essa população, grupo que cada vez mais cresce não só no Brasil, mas na população mundial como um todo.

Segundo a ONU, estima-se que em 2050 a população idosa chegará a 30% da população mundial. Sabemos que muitas vezes nossa sociedade contribui para que o processo de envelhecimento seja encarado como algo indesejado, espécie de fim. Seja por imaginar que a pessoa idosa é algo descartável, economicamente improdutivo da perspectiva de uma lógica capitalista; seja por conta das vulnerabilidades de saúde que acometem as pessoas idosas, tornando-as, conseqüentemente, mais dependentes, tais estigmas são limitadores, pois, além de padronizarem os processos de envelhecimento, desmotivam a pessoa idosa a

⁵ Disponível em: https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023.

⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 01 mar. 2023.



querer procurar ou participar de algo que faça com que o processo de envelhecer seja o contrário disso, agradável e satisfatório. Não se pretende aqui romantizar as velhices, mas também não se seguirá pelos caminhos de sua estigmatização.

Dito isto, esta reflexão, fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq-FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA-UEM), debruça-se sobre a articulação entre as práticas teatrais e as vivências das pessoas idosas, com o fito de analisar, primeiro, como tem sido pensado esse tema e, segundo, quais as outras formas de pensá-lo e/ou praticá-lo ainda passíveis de serem inventadas. Interessou investigar esse tema não apenas pela perspectiva das contribuições das práticas teatrais para a qualidade de vida das pessoas idosas, mas, sobretudo, da contribuição das vivências e das experiências das pessoas idosas para a invenção de novos caminhos éticos e estéticos possíveis à pedagogia do teatro. Assim, o trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira, foi proposto um levantamento bibliográfico acerca do tema de investigação, por meio da pesquisa de fontes que refletem sobre o tema das práticas teatrais direcionadas às pessoas idosas. Feito esse alicerce inicial, a partir do que nele foi encontrado, partiu-se para a segunda etapa da proposta, a realização de uma oficina de teatro destinada a pessoas idosas e que objetivou investigar possíveis caminhos metodológicos para a criação cênica com esse público específico.

Sobre as práticas teatrais e as pessoas idosas: um levantamento temático

A seguir, apresentam-se alguns trabalhos realizados sobre a temática do teatro e das pessoas idosas. Trata-se de artigos científicos, livros, capítulos de livros, trabalhos de conclusão de curso, resumos expandidos etc.; uma espécie de estado da arte do tema que aqui nos interessa.

Inspirados/as nos percursos da pesquisa institucional “As Potencialidades da Noção de Arquivo para Investigações no Campo da Pedagogia do Teatro” (CNPq/UEM), realizamos a pesquisa dos textos de interesse para esta investigação, que foram lidos e catalogados em tabela analítica organizada em quatro colunas: 1) referências do texto; 2) categoria; 3) Palavras e ideias-chave; 4) trechos-chave.

Cumprida essa etapa, partiu-se para a organização do mapeamento abaixo



apresentado.

No artigo “O corpo como espaço de aprendizagem”, de autoria de Evany Almeida, Anna Azevedo-Martins e Viviane Nunes (2013), relata-se a vivência de um grupo de teatro formado por adultos/as na maturidade. A pesquisa etnográfica de observação participante traz a relação do corpo de cada um/a desses/as participantes com os dos/as outros/as e consigo mesmo/a. Foram entrevistados/as no âmbito de tal investigação 13 mulheres e dois homens com idades entre 60 e 85 anos. As autoras relatam que as práticas vividas por essas pessoas, além de valorizarem a expressão corporal em si, estimularam e contribuíram para a criatividade, o estímulo de cooperação e o fortalecimento da malha de relações sociais, favorecendo o aprendizado em todos os sentidos. Segundo as pesquisadoras, as pessoas idosas participantes obtiveram novos saberes por meio dos processos de aprendizagem e, em consequência, foram capazes de desenvolver conhecimentos que transformaram suas vivências. Terminam as autoras alertando que atividades que envolvam pessoas idosas “[...] não devem ser pensadas somente para preencher seu tempo livre, mas também para desenvolver ou fazer aflorar habilidades como a criatividade, a capacidade de enfrentar e superar desafios” (Almeida; Azevedo; Nunes, 2013, p. 214).

No artigo “Teatro Renascer: da pedagogia à poética da cena”, de Carmela Soares (2011), a pesquisadora se debruçou sobre as histórias de vidas e os fragmentos de memórias de pessoas idosas como principal material dramático usado em cena. Trabalhou-se a consciência corporal, o bem-estar psicológico, a valorização das experiências e o sentimento da pertença à comunidade ativa. Foi formado um grupo de estudos com mulheres de 60 a 80 anos de idade no interior de um projeto de extensão universitária na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), no ano de 2005. Ressalta Soares que a pesquisa teve como base dois interesses: responder positivamente ao que vinha acontecendo no grupo de ioga do qual essas idosas faziam parte, além de partilhar o material recolhido nas vivências dos/as idosos/as nas comunidades, o qual poderia ser aproveitado no palco oportunamente. O objetivo do trabalho foi o de fazer as pessoas idosas participantes entenderem a importância dos pés durante todo o tempo de suas vidas, visto que cada integrante era diferente e contava também histórias



diferentes, revelando assim as possibilidades da ação teatral contida em seus pés, os quais marcavam cada história de forma singular.

A pesquisa intitulada “Breve dramaturgia da memória: oficina de teatro com idosos”, feita por Beatriz Venâncio (2008), reflete sobre o processo de trabalho desenvolvido com um grupo de teatro formado por idosos/as, no âmbito de um programa de extensão da Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesse processo, a linguagem teatral foi utilizada como um recurso para a compreensão das subjetividades desses/as idosos/as, partindo da teatralização de suas lembranças. Foi criado um arquivo no qual foram inseridos os sonhos, os casamentos e os desejos que nunca foram realizados pelos/as participantes. As histórias que nasceram a partir desse arquivo foram reconstruções do passado e histórias e lembranças pertencentes a todas as pessoas participantes. Esse grupo era composto por cerca de 25 mulheres e quatro homens, moradores de Niterói, Rio de Janeiro e seus arredores. As histórias de vida coletadas foram transformadas em fontes e textos dramáticos que, posteriormente, compuseram a montagem de um espetáculo.

Outra reflexão que merece menção é o texto “Projeto movimento teatral FEEVALE”, encontrado no caderno de resumos do Salão de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), edição 2013. De autoria de Cristiane Saraiva (2013), esse texto apresenta o trabalho do grupo “Movimento Teatral, Ousadia na Terceira Idade”, uma oficina de teatro para pessoas idosas vinculada ao projeto de extensão “Movimento Teatral”, mantido pelo Curso de Artes Visuais do Instituto de Ciências Letras e Artes e pela Pró-reitora de Extensão da Universidade FEEVALE. A oficina teve como objetivos estimular tanto a memorização quanto a consciência corporal, a criatividade, a valorização e a transmissão dos conhecimentos antigos e, com isso, ensinar às gerações futuras os conhecimentos ancestrais por meio dos espetáculos criados. As montagens e as intervenções teatrais resultaram dos assuntos abordados no grupo: por meio destes, os/as participantes puderam transmitir suas experiências de vida, as quais, após trabalhadas nas oficinas, geraram cenas e intervenções artísticas que foram apresentadas e expostas em vários lugares. A autora destaca que nesse grupo as atividades teatrais tiveram como inspiração metodológica as técnicas teatrais



desenvolvidas por Augusto Boal (1999) e Viola Spolin (2001), as quais foram usadas para, além de tornar os corpos dos/as participantes menos mecanizados, proporcionar o protagonismo por meio de suas próprias histórias.

O artigo “Fotografia e memória de gestos cênicos: estudos sobre velhice e linguagem teatral”, de autoria de Beatriz Venâncio (2016), tem como ponto de partida as histórias vividas e contadas pelas pessoas idosas participantes. Foi um projeto de extensão que teve como meta analisar o impacto da prática teatral na vida de pessoas idosas. A investigação procurou ressaltar o papel que essas pessoas ocupam na sociedade e sua importância de forma geral. A metodologia de trabalho interessou-se pelo teatro colaborativo, fazendo uso dos jogos dramáticos de Augusto Boal (1999) como principal fonte. Durante a pesquisa, foram utilizadas práticas que oportunizaram a vivência lúdica e investigativa da linguagem teatral, possibilitando aos/às participantes o conhecimento dessa linguagem e estimulando a expressividade corporal e verbal para que criassem formas de contar suas próprias histórias e memórias. De acordo com a pesquisadora, foi possível observar nesse grupo a figura do/a idoso/a oprimido/a e marginalizado/a. O anseio de serem ouvidos/as era unânime, o sentimento de ser um fardo para a sociedade levou muitos deles/as a se isolarem e se acomodarem, ocasionando, muitas vezes, o agravamento de doenças, entre elas a depressão e a ansiedade. Venâncio (2016) expõe que o projeto não se interessou apenas pela ocupação da cabeça de pessoas idosas em suas horas ociosas, mas tornou-se uma forma delas poderem reconhecer a si mesmas e a realidade a sua volta, fomentando meios possíveis para transformar a realidade, portanto, conferindo a elas status de protagonistas de suas vidas. Ao longo do projeto, foi elaborado um arquivo de vida com fragmentos das memórias. Esse arquivo foi usado como material bruto, lapidado e transformado em material dramatúrgico. Montou-se, assim, um grande arquivo de histórias que posteriormente resultou na criação de espetáculos teatrais encenados por idosos/as.

Já o texto “Teatro e pandemia da Covid-19: repercussões nas relações sociofamiliares de atores e atrizes idoso(a)s da USP 60+” é resultado de um estudo feito com um grupo, com o objetivo de investigar as consequências da pandemia Covid-19 na vida social e dos/as familiares de um coletivo de idosos/as que faziam



curso de teatro na Universidade de São Paulo (USP). Nessa pesquisa foi utilizada a entrevista com roteiros semiestruturados. Além dos/as idosos/as, também participaram seus/suas familiares. De acordo com os/as pesquisadores/as Alice Rosa, Deusivania Falcão, Bibiana Graeff, Robson Camargo e Rosa Chubaci (2020), os principais resultados indicaram situações desfavoráveis à saúde e ao bem-estar, facilitados pelo distanciamento social dos/as idosos/as que fizeram parte da pesquisa. A investigação levou em consideração o trabalho desenvolvido pelo programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, iniciativa interessada em possibilitar à pessoa idosa aprofundar conhecimentos na área de seu interesse e trocar experiências com outros/as idosos/as e jovens estudantes universitários/as. Nessas oficinas de teatro foram propostos jogos teatrais e a criação de textos, falas e cenas curtas, respeitando as especificidades dos/as participantes envolvidos/as.

O projeto de teatro na terceira idade é uma das maneiras de manifestar o melhor da arte no desenvolvimento social do ser humano e, assim, potencializar pessoas sensíveis, reflexivas, espontâneas, e que sejam capazes de se colocar no lugar do outro, utilizando das suas lentes para observar, interpretar e experienciar a atividade e a vida cotidiana individual e coletiva (Rosa; Falcão; Graeff; Camargo; Chubaci, 2020, p. 649).

Partindo desse pressuposto, de acordo com os/as autores/as, desenvolver a expressão artística para o autoconhecimento e a compreensão da própria velhice torna-se um caminho profícuo e instigante. No transcorrer da pandemia da Covid-19, foi necessária a paralisação das atividades presenciais das oficinas. O objetivo seguinte foi o de analisar as consequências desse distanciamento nas relações sociais e familiares de seus/suas integrantes, tendo em vista encontrar subsídios e propostas que interviessem e fortalecessem os vínculos afetivos e de bem-estar social dessas pessoas. Para a entrevista semiestruturada, foram enviadas perguntas via WhatsApp, as quais foram respondidas pelos/as idosos/as participantes tanto de forma escrita quanto por meio de áudio. Os/As autores/as indicam que os resultados da pesquisa estão presentes nas falas dos/as próprios/as participantes, ao relacionarem o distanciamento social com os seguintes sentimentos e emoções: “[...] tristeza, ansiedade, frustração, sensação

de aprisionamento, sentimento de impotência, sentimento de falta de amigos, do teatro, de se divertir, distrair, da troca de aprendizado no grupo” (Rosa; Falcão; Graeff; Camargo; Chubaci, 2020, p. 653).

O significado do conceito “envelhecimento ativo” é problematizado no artigo “Envelhecimento Ativo em Questão: Reflexões a partir de uma Oficina de Teatro com Pessoas Idosas”, de autoria de Cinthia Siqueira e João Martins (2019). A autora e o autor dizem que esse conceito, por carregar certa subjetividade sobre o envelhecer, precisa ser reavaliado. Assim, ele se configura como uma palavra de ordem, pois é perpassado por prescrições sobre o que seria um envelhecimento bem-sucedido, criando a pessoa idosa-modelo, descartando a possibilidade de dissensos e singularidades. Como forma de superar isso, trazem à baila vivências de teatro interessadas em proporcionar às pessoas idosas uma forma de vida inusitada, na qual tenham a oportunidade de novas experimentações e linguagens. Segundo Siqueira e Martins, o teatro é um dos meios pelos quais se pode transgredir as linguagens existentes na sociedade, proporcionando que seus/suas participantes se vejam como sujeitos e agentes de suas próprias criações artísticas. A autora e o autor defendem que esse conceito de “envelhecimento ativo” pode esconder futuros problemas, pois a romantização que lhe ronda faz com que as pessoas idosas se sintam incapazes, por não atingirem a expectativa que a sociedade espera delas.

Diferentemente deste ideário, nosso texto busca oferecer outra visão sobre o processo de envelhecimento. Uma abordagem que não disfarce os sofrimentos inerentes às pessoas que envelhecem, mas faça deles potências de existir. Em vez de pautar-nos na compensação do que falta, e almejar o afamado envelhecimento ativo e saudável, sugerimos fomentar as potencialidades da velhice, a partir da liberação das pessoas idosas para o acontecimento vital em sua plenitude (Siqueira; Martins, 2019, p. 156).

Assim, concluem que

[...] no lugar de uma vivência que preconiza saúde e instrução, recomendamos que é preciso liberar as pessoas idosas das mesmices e opressões propagadas – abdicar da tutela, da monitoria de suas vidas, para potencializá-las, a fim de que possam se emancipar do conhecimento e das tecnologias criadas para gerir suas vidas (Siqueira; Martins, 2019, p. 169).

O ensino do teatro para idosos periféricos da cidade de Santa Maria (RS) foi

assunto do artigo “O ensino de teatro para idosas na periferia de Santa Maria/RS”, de autoria de Laís Marques (2020). A pesquisa teve como foco um grupo de mulheres de 30 a 80 anos, em sua maioria trabalhadoras com grau de escolaridade baixo e sem acesso à cultura. Os encontros aconteceram na frequência de duas noites por semana, nas quais foram trabalhados alongamentos e jogos dramáticos. O objetivo foi demonstrar para as participantes os seus vícios de movimento, os quais restringiam a fluidez de seus movimentos cotidianos. Segundo a autora, a partir desse trabalho foi possível proporcionar a essas mulheres a possibilidade de conhecer a potência criativa de suas histórias e trajetórias, além da realização de ações culturais por todo o bairro. A autora complementa chamando a atenção para o fato de que seria evidente “[...] a falta de local de fala para idosos e o próprio desconhecimento de suas histórias e trajetórias, o que torna a relação entre idosos-jovens, a cada dia, mais distante e com maior necessidade de incentivo” (Marques, 2020, p. 297). Marques destaca que pôde constatar que a rigidez contida no grupo não dizia respeito somente aos corpos, mas também estava presente nos preceitos e posições políticas vividas pelo grupo.

No texto “Maturidade (Em) Cena: arte e qualidade de vida na terceira idade”, de autoria de Renata Silva, Lais Oliveira e Jadyla Sousa (2021), relata-se as experiências desenvolvidas por um projeto de extensão promovido pelo curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Tal projeto oferece oficinas de teatro a grupos de idosos/as na cidade de Palmas e, debruçado sobre práticas que articulam arte e saúde, objetiva promover a qualidade de vida e o envelhecimento ativo dos/as integrantes, incluindo a discussão e a realização, durante a pandemia da Covid-19, de ações no formato remoto. As oficinas de teatro, pensadas inicialmente para acontecerem de forma presencial, foram adaptadas para a forma remota por volta de agosto de 2020, data a partir da qual o grupo passou a se encontrar remotamente uma vez por semana, em encontros com duração de uma hora. Destacam as autoras que foi possível, ainda que de forma remota, a realização de alguns exercícios, tais como os de relaxamento, alongamento, respiração e consciência corporal e até jogos e dinâmicas que estimulavam a atenção, envolvendo a todos/as. A partir do compartilhamento das

histórias das pessoas idosas participantes, foi criado um experimento cênico chamado “Prosa na Janela”, por meio do qual essas pessoas exploraram as janelas de suas casas como possibilidades de abertura para o mundo. Concluem as autoras que

[...] o projeto promove o protagonismo do idoso em suas ações e para tanto desenvolve seu trabalho a partir da criação coletiva e colaborativa entre jovens e idosos, incentivando a intergeracionalidade na prática extensionista. Depreende-se como consequência que o projeto tem sido uma ação positiva tanto para os idosos atendidos, quanto para os jovens bolsistas que atuam como monitores junto à professora coordenadora (Silva; Oliveira; Sousa, 2021, p. 68).

O próximo texto contempla um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Teatro na Terceira Idade: Costurando vidas em cena”, de autoria de Amanda Figueiredo (2017) e apresentado à Universidade Federal do Pará (UFP), no âmbito do curso de Licenciatura Plena em Teatro. A pesquisadora se interessou – por meio de cinco cartas pessoais nas quais relata suas experiências como bolsista e estagiária do Projeto de Extensão “Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade” – por apresentar considerações sobre a inserção da pessoa idosa no universo teatral, tendo como material as memórias das pessoas participantes, convocadas a exercerem seus protagonismos. A partir de uma oficina de teatro com idosos/as, embasada em jogos dramáticos de Augusto Boal (1999), o processo culminou em uma montagem teatral. Figueiredo segue dizendo que não somente uma história foi levada para a cena, mas várias histórias se entrelaçaram e, criativamente, formaram a grande colcha de retalhos das memórias vivas que ali estiveram durante todo o projeto.

A pesquisa que segue, intitulada “Teatro como uma ferramenta tecnológica para a promoção da saúde dos idosos”, de Deoclécio Barbosa, Juliana Brito, Ana Paula Soares, Manuela Coelho e Rachel Barbosa (2017), teve como objetivo incentivar o conhecimento em saúde do/a idoso/a, visando seu fortalecimento no aspecto da enfermagem. O estudo se interessou pela utilização do teatro como ferramenta, aliada à enfermagem, na promoção da vida das pessoas idosas. O trabalho se deu em uma associação beneficente na cidade de Fortaleza, Ceará, que atende a cerca de 130 idosos/as. As oficinas teatrais realizadas seguiram o caminho do estímulo à memória e à abordagem de assuntos pertinentes ao

envelhecer. Desses estímulos, foram coletados dados em forma de questionários autoaplicáveis, antes e após a encenação teatral realizada ao final da proposta. O autor e as autoras relatam que foram elaborados nas dinâmicas e oficinas jogos que permitiram a participação de todo o grupo, sendo possível questionar e discutir as propostas apresentadas. Após alguns encontros, foi criada uma peça teatral, intitulada “Páginas da Vida”. Nela foram abordadas questões como a violência familiar para com o/a idoso/a, o preconceito, o tabagismo, a sexualidade e a qualidade de vida das pessoas de idade avançada. Concluem dizendo que: “[...] o teatro apresentou-se como uma ferramenta tecnológica de promoção da saúde bastante efetiva que tem repercussão nas diferentes esferas do indivíduo, em especial, a social e psíquica (Barbosa; Brito; Soares; Coelho; Barbosa, 2017, p. 2232).

Em “A prática da dança-teatro na maturidade”, de Selma Vieira, Kerolyn Garcia, Dyego Henrique e Margô Kanikowski (2018), buscou-se a integração dos/as idosos/as com a dança, por meio da sensibilização corporal, com a finalidade de se resgatar valores de memórias por meio da criatividade, do equilíbrio, da flexibilidade e da autoestima. Foram criados exercícios de corpo e voz, além de técnicas de dança contemporânea e teatro, em encontros duas vezes por semana, cada um com duração de duas horas. Durante o percurso, foram desenvolvidos dois trabalhos: “Cidadãos Anônimos e suas Palhaçarias”, no qual foram expostas cenas com enfoque no descaso sofrido pelos/as idosos/as; e “Como se Fosse Sofia”, que dizia respeito às histórias e memórias das pessoas participantes, valorizando o itinerário percorrido por cada uma durante sua vida. Os/as autores/as ressaltam, por meio dessa reflexão, a importância das práticas de Artes Cênicas para uma maior autonomia e expressividade da pessoa de idade avançada.

A seguir nos debruçamos sobre outro trabalho de conclusão de curso, esse de autoria do discente Matheus Martins de Souza (2019). Intitulado “Jogos Teatrais e consciência corporal na vida adulta tardia: uma motivação para que o idoso brinque e crie”, o trabalho diz trazer como enfoque o bem-estar do corpo da pessoa idosa a partir da sensibilização e do resgate de seu equilíbrio e autoestima. A pesquisa qualitativa teve como caminhos duas intervenções em um grupo de

teatro para idosos/as numa unidade do Serviço Social do Comércio (SESC) do Distrito Federal. Segundo o autor, foram trabalhados ao longo desse processo os jogos teatrais de Viola Spolin (2001) unidos a conceitos e práticas da Educação Física, estratégia que possibilitou ao pesquisador avaliar a importância que essas duas práticas, quando aliadas, podem ter na vida do/a idoso/a no que tange aos aspectos psicológicos e à relação com a sociedade na qual estão inseridos/as. Ressalta o autor que, enquanto a Educação Física se preocupa com o bem-estar do corpo, as práticas teatrais abordam sentimentos e emoções explorados por meio de jogos cênicos e brincadeiras, daí a pertinência de se aliar essas duas práticas. Foi montada uma peça como conclusão do trabalho. Ao finalizar o texto, Souza relata que: “[...] além de resgatar brincadeiras da infância e das novas variações, a Educação Física unida aos Jogos Teatrais se mostrou um importante enriquecedor como recurso social, afetivo e emocional” (Souza, 2019, p. 44).

Como pode-se observar, guardadas as devidas especificidades de cada texto, e pelo recorte dos trabalhos aqui escrutinados, as pesquisas tomam as práticas teatrais, quando seu público-alvo são as pessoas idosas, como uma espécie de ferramenta tecnológica de promoção da saúde e do bem-estar, pela qual seria garantido a esse público o aflorar de suas habilidades sociais, expressivas, criativas, corporais, de memória etc. Servem de contexto para as práticas teatrais com pessoas idosas desde projetos de extensão universitária, até trabalhos e serviços ofertados por centros de convivência, ONGs e instituições culturais. Publicizadas como experiências profícuas no que tange à intergeracionalidade, fundamental para a troca de saberes e experiências por parte de pessoas de idades diferentes, as investigações acima relatadas, ao procurarem não estigmatizar as velhices, escolheram como metodologias de trabalho com as linguagens cênicas, sobretudo, os caminhos propostos pelos jogos dramáticos de Augusto Boal e os jogos teatrais de Viola Spolin. Já no que tange aos caminhos metodológicos das pesquisas, opta-se, em grande parte, por entrevistas e questionários como método para o recolhimento de dados e a avaliação dos percursos investigativos. Às vezes nomeados/as como adultos/as na maturidade, às vezes como idosos/as ou pessoas na terceira idade, os/as participantes desses processos, em sua maioria não atores/atrizes, contribuíram com as construções



cênicas descritas a partir de suas memórias e experiências de vida, desempenhando, dessa forma, de acordo com os/as autores/as desses trabalhos, a capacidade de envelhecerem de forma ativa, produtiva e, portanto, exercendo seus protagonismos. Disso tudo, logo, é inegável que todos esses trabalhos convergem no sentido de refletirem sobre as práticas teatrais como instrumento para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das pessoas idosas. A questão que daí emerge é: seria possível pensarmos em outra chave quando temos como foco as pessoas idosas e as práticas teatrais? E se invertêssemos essa lógica, propondo-nos a refletir sobre as pessoas idosas em ação cênica como possibilidade para a melhoria da “qualidade de vida” do teatro contemporâneo, este sim, não raro, caduco dada à previsibilidade de seus caminhos de criação, reflexão, proposições éticas e estéticas? Estas perguntas inspiram a prática relatada a seguir.

Entre necessidade e norma

O livro “O Teatro é Necessário?”, do artista e professor franco-argelino Denis Guénoun (2004), traz em seu contexto discussões relativas à necessidade do teatro na contemporaneidade, dando enfoque ao papel do/a espectador/a. O autor reflete sobre como o cinema teria usurpado do teatro a fantasia do/a espectador/a, já que daria conta, de forma eficaz, da necessidade de identificação por parte dele/a com as personagens e as situações acompanhadas, enfatizando que essa identificação, por meio da ilusão, permitiria tanto a atores/atrizes quanto a espectadores/as “[...] experimentar sensações, cometer ações, assumir um ser” (Guénoun, 2004, p. 79). Dessa forma, segundo o autor, o cinema teria se apoderado do imaginário do/a espectador/a e da ilusão a ele atrelada. Na cinematografia, ator/atriz e personagem se tornaram uníssonos/as, mesmo que na imaginação do/a espectador/a. Além disso, adverte o autor que “[...] o teatro está em crise devido ao divórcio, a separação entre a atividade de fazer e a de ver. Ambas só existem em condições que se deem simultaneamente” (Guénoun, 2004, p. 14). Assim, a que necessidade responderia o teatro no contexto da cena contemporânea?

Defendendo a tese de que a necessidade do teatro se inscreve nas experiências do humano, tanto em sua constituição física, quanto em sua organização comunitária, Guénoun apresenta que, atualmente, poder-se-ia observar que, no palco, o jogo restrito entre os/as atores/atrizes e os efeitos adicionais que diriam respeito aos papéis por eles/elas representados não garantiriam mais a originalidade dessa linguagem. Hoje, o que se vê no palco seria a não concordância do discurso com o jogo teatral.

Hoje, o sentido do jogo é o jogo. Não nos apressemos em deduzir que o jogo não tem sentido algum: sob o pretexto de que o sentido de um ente qualquer se desdobra fora de sua mesmidade em relação a si mesmo, fora de seu fechamento identitário, e que, portanto, a perda do exterior atestaria o esgotamento do sentido (Guénoun, 2004, p.138).

Dessa forma, defende Guénoun que seria necessário repensar as formas de atuação do teatro a partir da superação das formas obsoletas que provocaram a prostração de seus mecanismos. Ressalta que com isso não se reivindicaria a morte do teatro, mas uma nova qualidade para sua vida, capaz de trazer ao/à espectador/a e a todos/as os/as demais envolvidos/as muito prazer, diversão e emoção. Defende que, para as práticas teatrais na contemporaneidade reafirmarem sua vocação para o jogo, para o fazer compartilhado entre atores/atrizes e espectadores/as, capaz de articular de modo produtivo a estética, a ética e a política, faz-se fundamental que tais práticas se abram aos fluxos das vidas que as rodeiam, absorvendo os/as chamados/as não artistas ou não atores/atrizes, pois, segundo sua linha de raciocínio, a arte precisa dos/as não artistas para que seus espasmos possam afetar e se somar às práticas da cena.

E a atividade do teatro deve ser medida, e conduzida segundo o imperativo desta visibilidade comum. Não se trata de preconizar que os teatros se transformem em motéis administrados por um gerente de locações que aceita qualquer um que chegue. Trata-se de propor que equipes profissionais, grupos de artistas e operários concebam, organizem, programem e conduzam a atividade de espaços que proporcionem a outros além deles as mais rigorosas possibilidades de sua exibição (Guénoun, 2004, p. 159).

Continua o autor expondo que o teatro deve

[...] abrir-se ao espaço prático e material, trazer os homens para a cena, sua singularidade e seus grupos vivos que estão do lado de fora. Estes jogadores conhecem regras que ainda estão por traduzir, espetáculos desajustados, transpassados pelo não teatro, cenas que se abram ao clamor e poemas do mundo à sua volta (Guénoun, 2004, p. 157).

Neste ponto cabe articular, a partir do eixo temático de interesse desta pesquisa, o que propõe Guénoun às reflexões acerca das noções de sociedade de normalização encabeçadas pelo pensador francês Michel Foucault. Na ótica deste, “[...] o conceito de normalização refere-se a esse processo de regulação da vida dos indivíduos e das populações” (Castro, 2016, p. 309). Apresenta Foucault que a norma é algo que pode ser aplicado tanto a um corpo que se pretende disciplinar, quanto a uma população que se deseja regulamentar.

A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação. Dizer que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias da disciplina, de uma parte, e das tecnologias da regulamentação, de outra (Foucault, 2010, p. 213).

Dessa forma, passam a ser mecanismos em função de uma sociedade de normalização práticas como a visibilidade incessante, pessoas colocadas sob o julgo de classificações permanentes, a hierarquização, a qualificação, o estabelecimento de limites, a exigência de diagnósticos. Pela norma as pessoas são divididas. Nesse contexto, saberes como a Medicina, a Psiquiatria, a Psicanálise, a Psicologia e, não raro, até mesmo as Artes, entre outros, desempenham assumidamente papéis de normalização, ao classificarem, qualificarem, hierarquizarem, limitarem e lançarem diagnósticos sobre, por exemplo, sujeitos infantis, jovens, adultos, idosos etc. Dessa forma, estaria sob o escrutínio da norma tudo o que diria respeito ao sujeito, tais como seus desejos, visões de mundo, modos de estruturar as condutas de si e dos/as outros/as, relações interpessoais, sensibilidades e até mesmo suas formas de criar e se expressar.

Ainda com Foucault, a definição dos/as normais, entre outros motivos, operaria em razão de uma biopolítica (Foucault, 2010), forma pela qual, do século XVIII em diante, buscou-se racionalizar os processos biológicos ou

biossociológicos das massas humanas, ou seja, das populações. Trata-se, assim, de uma tecnologia política interessada no governo das populações, a qual leva em consideração fenômenos coletivos, de longa duração: a proporção de nascimentos e óbitos; as taxas de reprodução, enfermidades e pandemias; as velhices; as relações com o meio ambiente etc. Interessaria à biopolítica intervir para fazer viver, ocupando-se das maneiras de se viver, dos “comos” da vida. Dessa forma, o poder operaria interessado em ampliar a vida, controlando acidentes, enfermidades, deficiências e tudo que pudesse levar à morte – tida como o limite, o extremo do poder.

Isso posto, os artigos temáticos apresentados no início deste texto, mobilizadores e constituintes de saberes sobre as populações idosas e suas individualidades, ao concordarem em uníssono com a discursividade regular do teatro como instrumento eficaz para a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar das pessoas idosas, não evidenciariam e, ao mesmo tempo, reiterariam as normas que incidem sobre o corpo idoso e as biopolíticas daí decorrentes?

Assim, inspirada pelas reflexões de Guénoun, em diálogo com o pensamento de Foucault acerca da sociedade de normalização, esta investigação intenta tensionar práticas normalizadas acerca das relações entre o teatro e as pessoas idosas, a partir da invenção de formas outras de criação e fruição cênicas, abertas aos fluxos dos jogos das vidas que as rodeiam, capazes de articular, de modo efetivo, estética, ética e política. No limite, almeja-se com isso o encontro de ressignificações tanto para as práticas do teatro, quanto, na mesma medida, para as noções de senescência (Santos, 2019) das pessoas envolvidas com esse processo.

O relato de uma experiência

Nesta parte da reflexão são compartilhados os encontros da oficina de teatro “Ressignificando Vivências, Memórias e Afetos”, realizada com pessoas idosas em uma unidade do Centro Municipal de Acolhimento da Cidade de Maringá, Paraná. Essa oficina aconteceu ao longo de oito encontros, de 07/02 a 04/04/2023, com duas horas de atividades semanais, e foi conduzida pela artista-educadora Edna Cristina, com orientação do professor Sidmar Gomes e co-orientação do professor



André Rosa. A iniciativa teve como objetivos: aproximar as pessoas idosas participantes dos elementos da linguagem teatral; ressignificar relações entre as práticas teatrais e as pessoas idosas; romper com estigmas relacionados às pessoas idosas; e, por fim, desenvolver as capacidades expressivas, criativas e sociais das pessoas envolvidas. Tivemos como caminhos metodológicos atividades inspiradas nos jogos teatrais de Viola Spolin (2001), e em jogos tradicionais, além de dinâmicas criadas pela condutora do processo, a partir das especificidades do grupo, como se verá.

As atividades desenvolvidas não buscaram a formação profissional de atores/atrizes. As práticas teatrais funcionaram como recurso para a compreensão das subjetividades das pessoas participantes, por meio de lembranças e encenações propostas, as quais intentaram valorizar a autonomia de cada participante e o acolhimento de suas vivências e ideias, dando a cada um/a oportunidade de se expressar.

Assim, fatos e acontecimentos do passado, retomados e encenados, puderam ser ressignificados, o que possibilitou a cada participante dar um final à sua história, como gostaria que de fato ela tivesse acontecido, revelando o caráter prazeroso e recriador da existência. Nesse caminho, pôde-se perceber que muitos/as desses/as idosos/as reivindicavam por espaços, autonomia e fortalecimento de intelecto, instâncias que na vida cotidiana lhes eram negadas.

Como uma das primeiras atividades desenvolvidas, foi pedido para que os/as participantes falassem sobre suas profissões e seus talentos. Foi impressionante saber que aquelas pessoas idosas já haviam desempenhado profissões como: boiadeiro/a, enólogo/a, modelo, abanador/a de café. Dando prosseguimento ao encontro, evidenciou-se como gestos considerados simples pelas gerações mais jovens podem tornar-se complexos para pessoas de idade avançada. As limitações físicas que a idade impõe impossibilitaram dinâmicas comuns às práticas do teatro, como jogos de caminhada pelo espaço e exercícios de alongamento, fato que demandou adaptação das atividades inicialmente pensadas. Por outro lado, ainda que na maioria do tempo dos encontros os/as integrantes permanecessem sentados/as em confortáveis poltronas dispostas em círculo, o grupo tinha escuta e atenção apuradas, dificilmente encontradas em



gerações jovens, geralmente de corpos ágeis e inquietos.

As lembranças de quando esses idosos e idosas eram crianças emergiam com constância nas dinâmicas vivenciadas. Lembravam que quando crianças as brincadeiras faziam parte de suas rotinas com os/as irmãos/ãs, primos/as e amigos/as e, com isso, ficavam felizes só pela oportunidade de deixar aflorar essas lembranças.

Se, de acordo com Guénoun, um dos caminhos para que as práticas do teatro possam se reoxigenar, fugindo das normas, é dando lugar também a não atores/atrizes, pensamos que as pessoas idosas devem ser incluídas nesse grupo, pois, além de terem muitas histórias e memórias para serem exploradas, seus modos de vida e visões de mundo podem causar significativos pasmos nas gerações mais novas. Remetemo-nos à ideia de pismo, e sobre ela nos deteremos nas próximas linhas, uma vez que essa foi uma sensação sentida com frequência ao longo desse encontro de gerações. Segundo o dicionário Houaiss, pismo é um substantivo masculino que denota “sentimento de espanto, surpresa diante de algo que não se espera; admiração, assombro”⁷, ou seja, algo que foge da norma.

Vivenciando com esses/as idosos/as a experiência artístico-pedagógica aqui relatada, por meio da observação de suas propostas criativas, expressivas e reflexivas sobre o mundo, como dito, fomos tomados/as por pasmos, espasmos diante de nossos modos corriqueiros de praticar e compreender as linguagens do teatro. Debruçar-nos-emos sobre as propostas de três idosos/as, para sermos mais exatos/as. Trata-se dos/as três integrantes do grupo que mais se soltaram ao longo das propostas trabalhadas, mostrando-se bastante comunicativos/as e expressivos/as.

O primeiro é o senhor Zezinho. Embora à primeira vista parecesse ser uma das pessoas mais tímidas do grupo, ele se mostrou totalmente disposto a mergulhar com profundidade em suas lembranças. Quando perguntado sobre o que mais sentia saudades, Zezinho, por meio de uma resposta de generosidade ímpar, disse que sentia saudades de sua infância, sobretudo das brincadeiras com

⁷ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso em: 10 jul. 2023.



sua irmã mais velha. Ambos brincavam de casinha, varriam embaixo da árvore e faziam casinha de boneca com folhas, cascas e gravetos. Ele ressaltou que a parte que mais gostava era quando sua irmã o deixava colocar a boneca para dormir. Tal boneca se chamava Dorminhoca. Quando se remeteu a essas memórias, enquanto as narrava verbalmente, estendeu seus braços com delicadeza e precisão gestual, como se estivesse com um bebê no colo, balançando-o carinhosamente para os lados, como se estivesse realmente fazendo um bebê dormir. Continuou sua narrativa expondo que, quando a boneca “dormia”, era colocada na caminha que eles tinham preparado, complementando que a boneca era muito linda e, mais uma vez, que sentia muitas saudades desse tempo. Para nós era improvável imaginar que o Zezinho, aparentemente tão sério, gostasse de brincar de boneca com sua irmã, que hoje já é falecida, dadas as normas e construções sociais de gênero, também presentes quando o que temos em mente são corpos de pessoas idosas, tão enraizadas em nossos modos de ser e estar e, conseqüentemente, também em nossos modos de pensar e construir discursos cênicos. O improviso realizado por Zezinho, o qual teve como disparador suas memórias de infância, constituiu-se como um acontecimento cênico performático capaz de tensionar caminhos éticos e estéticos previsíveis. Outro pasmo que ele nos proporcionou foi quando estávamos contando histórias com animais. O grupo de integrantes deveria fisicalizar (Spolin, 2001) os animais narrados. Em uma das histórias estava presente uma cobra. Zezinho surpreendeu a todos/as quando demonstrou com o seu corpo a sua expressão de cobra: sua cobra foi fisicalizada por meio de um bote, partitura física na qual participou seu corpo inteiro, mas, sobretudo, as suas mãos. Ou seja, Zezinho nos mostrou uma outra possibilidade para a presentificação de uma cobra, diferente, por exemplo, da expressão corriqueira de movimentos sinuosos com o corpo.

Após o término do nosso quarto encontro, Edna se despediu do grupo e comentou que naquele final de semana iria à praia. Foi então que Maria revelou um desejo inesperado. Essa integrante, de saúde visivelmente frágil, estava sempre alegre, sorridente e perfumada. Durante as atividades daquele encontro, quando perguntada do que mais sentia saudades, lembrou de seu esposo, já falecido. Complementou dizendo que juntos construíram uma família muito feliz.



Depois, quando soube que Edna iria à praia, perguntou se ela poderia lhe trazer uma garrafa pet com água do mar para que lavasse suas pernas com a água salgada e, com isso, relembresse a sensação de estar na praia. Disse que sentia muitas saudades do litoral e que, naquele momento, após o acidente cerebral vascular (AVC) sofrido, não conseguia mais ir até o mar. Então, se contentaria com a garrafa de água da praia para lavar suas pernas e pés e sentir o cheiro da água do mar novamente. Sensibilizada, Edna até tentou atender ao pedido feito, mas, por conta de acidentes de percurso, não conseguiu trazer intacta a garrafa desejada. No dia do encontro, havia sido trabalhado na oficina um jogo que se chama “O quanto você lembra”. Entre todos/as os/as participantes do dia, três se dispuseram a participar: um/a ouvinte e dois/duas falantes. O jogo iniciou com um/a jogador/a falante contando uma história para o/a ouvinte. Passado um minuto dessa primeira história, o/a outro/a falante começou a outra história do lado oposto do/a primeiro/a. Ambos/as os/as falantes continuaram suas histórias enquanto o/a ouvinte teve que prestar atenção nas duas histórias que lhe eram simultaneamente contadas. Após, o/a ouvinte teve de relatar ao restante do grupo o quanto ele/a se lembrava das histórias que ouviu. Acreditamos que esse jogo tenha colaborado para que as lembranças de Maria viessem à tona.

O último pasmo causado em nossos encontros envolveu o participante Norberto. Apesar de sua pouca visão e audição, Norberto sempre se mostrou muito comunicativo nas ações realizadas. No início, pareceu tímido, disse que não sabia brincar e nem contar histórias, mas quando se soltou foi muito participativo. Norberto lembrou de um fato que aconteceu quando ele era criança, no interior de Minas Gerais. Revelou que seu avô gostava de caçar Saci. Um dia os meninos estavam brincando no terreiro e apareceu um redemoinho. Eles correram chamar o avô, que veio com uma peneira na mão, jogou-a sobre o redemoinho e, quando este cessou de rodar, perceberam que tinha algo embaixo da peneira. O avô e os meninos foram ver o que tinham pegado e encontraram um gorro vermelho. Então, o avô disse a eles que o Saci pego era velho, pois quando isso acontecia o corpo se desintegrava, ficando somente seu gorro. Norberto afirmou com toda convicção que essa história era verdadeira. Sempre ouvimos histórias de Saci, mas dessa forma era novidade. A narrativa de Norberto surgiu após a proposta do dia



de trabalhar a confiança e a importância de estar atento/a aos cuidados de uns/umas para com os/as outros/as. Na dinâmica do/a guia e do/a cego/a, o grupo foi dividido em duplas: um/a era o/a guia e o/a outro/a o/a cego/a. O/A cego/a, vendado/a, deveria ser guiado/a pela sua dupla. O/A guiador/a deveria zelar pela segurança do/a cego/a ao longo dos deslocamentos pelo espaço da sala. Caminharam durante três minutos e, após, trocaram as funções. Por fim, cada participante compartilhou sua experiência com todo o grupo.

Assim, a partir desses quatro pasmos, ou seja, da reunião dessas quatro imagens – do menino que brinca com a boneca “Dorminhoca”, da partitura corporal da cobra que dá o bote, da água do mar derramada sobre as pernas como forma de se reviver a sensação de se estar na praia e, por fim, da caça ao Saci velho que se desintegra ao ser capturado –, desviantes das normas que tendiam a direcionar nossas expectativas em relação às criações e expressões de pessoas idosas, Edna se propôs a criar a dramaturgia de “Kabana”. Em linhas gerais, a narrativa explora a relação sensível entre um neto e um avô, exemplos e apoios recíprocos diante dos desafios impostos às extremidades etárias da vida. Essa dramaturgia serviu de ponto de partida para a direção cênica da bolsista na disciplina de Fundamentos da Direção Teatral, articulando de forma incisiva a tríade artista-docente-pesquisadora.

Ressignificar?

A partir da investigação teórico-prática vivida, arrisca-se a dizer que práticas teatrais com pessoas idosas podem – além de proporcionar qualidade de vida e bem-estar a elas, tornando-as saudáveis e participativas na vida social e propiciando momentos de criatividade, imaginação e expressividade do corpo e da voz –, em uma chave que pretende ir na contramão de mecanismos de normatização e biopolítica (Foucault, 2010), proporcionar “a melhoria da qualidade de vida” das práticas teatrais, por meio do encontro de respostas outras para caminhos de criação e soluções cênico-estéticas e, conseqüentemente, reflexões ético-políticas.



Os alicerces do tripé que constitui as atribuições de uma artista-docente-pesquisadora tornam-se evidentes na experiência aqui relatada. Ao articular criação artística, docência, pesquisa e extensão universitária, essa experiência possibilitou que a convivência com esse grupo de pessoas idosas, estimuladas a se relacionarem com a vida a partir do corpo em jogo, dos sentidos despertados, do trabalho coletivo e colaborativo, levasse a artista-docente-pesquisadora em formação a alcançar territórios criativos outros, imprevisíveis e desviantes, aos quais jamais teria acessado sem o contato com o grupo com o qual trabalhou. “Kabana” é resultado dos pasmos desse encontro, resumidos em quatro fortes imagens.

Assim, deslocados/as de seus lugares comuns, tanto os/as participantes idosos/as, convidados/as a entrar em cena contaminando-a com os fluxos de suas vidas singulares, quanto a artista-docente-pesquisadora, inicialmente tomada pelas normatizações que incidem sobre as ideias e as imagens acerca das pessoas idosas, puderam experimentar, a partir de uma prática artístico-pedagógica, parafraseando Guénoun (2004), a tradução criativa de regras que aguardavam por serem traduzidas. Uma vez experimentado em cena esse exercício de tradução, impossível não o carregar para a vida como um todo, tenha-se a idade que se tiver. É esse o nosso entendimento sobre a ideia de ressignificação.

Referências

ALMEIDA, E. B. D.; AZEVEDO-MARTINS, A. K.; NUNES, V. A. O corpo como espaço de aprendizagem: reflexões a partir das vivências de um grupo de teatro formado por adultos na maturidade. *Pro-Posições*, v. 24, n. 3, p. 201-217, set./dez. 2013.

BARBOSA, D. O. L.; BRITO, J. D. da S.; SOARES, A. P. B. da S.; COELHO, M. M. F.; BARBOSA, R. G. B. Teatro como uma ferramenta tecnológica para a promoção da saúde de idosos. *Revista Tendências da Enfermagem Profissional*, Ceará, v. 9, n. 3, 2017, p. 2228-2233.

BOAL, A. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FIGUEIREDO, A. C. *Teatro na Terceira Idade: Costurando vidas em cena*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) - Federal do Pará, Belém, 2017.

FOUCAULT, M. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: WMF Editora Martins Fontes, 2010.

GUÉNOUN, D. *O teatro é necessário?* São Paulo: Perspectiva, 2004.

MARQUES, L. J. O ensino de teatro para idosos na periferia de Santa Maria/RS. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 295-306, 2020.

ROSA, A. L.; FALCÃO, D. V. da S.; GRAEFF, B.; CAMARGO, R. C. de; CHUBACI, R. Y. S. R. Teatro e pandemia da Covid-19: repercussões nas relações sociofamiliares de atores e atrizes idoso(a)s da USP 60+. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 23, n. 28, p. 647-667, 2020.

SANTOS, R. C. Coletivo de Teatro Bárbara Idade: engendramentos feministas na cena da mulher senescente. 2019. 168f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SARAIVA, C. A. S. Projeto movimento teatral FEEVALE. *Caderno de Resumos Salão de Extensão UFRGS/PROEXT*, Porto Alegre, v. 14, 2013.

SILVA, R. P.; OLIVEIRA, L. C. S.; SOUSA, J. P. M. Maturidade (Em) Cena: arte e qualidade de vida na terceira idade. *Raízes e Rumos*, v. 9, n. 1, p. 51-70, 2021.

SIQUEIRA, C. L. O.; MARTINS, J. B. Envelhecimento Ativo em Questão-Reflexões a partir de uma Oficina de Teatro com Pessoas Idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 22, n. 3, p. 153-174, 2019.

SOARES, C. Teatro Renascer: da pedagogia à poética da cena. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 2011, n. 17, p. 29-36, set. 2011.

SOUZA, M. M. de. Jogos Teatrais e Consciência Corporal na Vida Adulta Tardia: Uma Motivação para que o idoso brinque e crie. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VENÂNCIO, B. P. Breve dramaturgia da memória: oficina de teatro com idosos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 291-300, 2008.



VENÂNCIO, B. P. Fotografia e memória de gestos cênicos: Estudo sobre velhice e linguagem teatral. *Urdimento* - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 269-295, 2016.

VIEIRA, S. C. T.; GARCIA, K. R.; HENRIQUE, D. R.; KARNIKOWSKI, M. G. de O. A prática da dança-teatro na maturidade. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 21, n. 24, 2018, p. 6.

Recebido em: 24/10/2023

Aprovado em: 16/05/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br